



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

UM ENFOQUE SOBRE A VIOLÊNCIA URBANA EM VITÓRIA DA CONQUISTA A PARTIR DA PERCEPÇÃO DE POPULARES

João Santos Cardoso*
(UESB)

RESUMO

O trabalho delinea um panorama da violência urbana em Vitória da Conquista, a partir de uma pesquisa realizada pelo NUVIP/UESB, em 2008, visando colher a percepção de populares a respeito da violência na cidade. Conclui-se com um comentário sobre algumas medidas voltadas à redução da violência através de um enfoque positivo em favor da cidadania e construção de uma cultura de paz.

PALAVRAS-CHAVE: Violência; Homicídios; Vitória da Conquista.

INTRODUÇÃO

A proposta é construir um quadro da violência na *urbis* conquistense a partir da percepção dos entrevistados pela pesquisa realizada pelo NUVIP³³⁹, confrontando-a com alguns dados oficiais a respeito dos indicadores do fenômeno, a fim de se chegar o quanto possível a uma compreensão mais aproximada do mesmo. Convém

*Doutor pela *Pontificia Universitas Gregoriana*; professor de Filosofia do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

³³⁹NUVIP: Núcleo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa sobre Violência e Poder na Contemporaneidade. Criado em 2007. Formado por discentes e docentes ligados ao *Departamento de Ciências Sociais Aplicadas* (DCSA) e ao *Departamento de Filosofia e Ciências Humanas* (DFCH) da UESB. Seu objetivo é estudar os mecanismos da gênese e estruturação da violência na contemporaneidade a partir de como essa se manifesta em Vitória da Conquista.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

advertir sobre o caráter provisório e inacabado dessa visão, já que a mesma além de trazer a marca da subjetividade do seu próprio autor, debruça sobre um fenômeno que, em si mesmo, é complexo, multifacetado e difuso, criando dificuldades na elaboração de uma visão que possa retratar a realidade tal qual ela é. Sem contar que existem várias formas de perceber o grau de manifestações da violência e de sua tolerância, em que diversos fatores de ordem cultural, de valores, da posição social, das circunstâncias históricas interferem na sua percepção. Como o quadro apresentado resulta da leitura de dados a respeito do ponto de vista dos entrevistados, é preciso ainda ter presente que esse tipo de levantamento apresenta limitações para a compreensão das relações sociais mais amplas a respeito do fenômeno. Entretanto, a técnica é muito útil para se obter informações a respeito do que as pessoas sabem, crêem ou esperam, sentem ou desejam, fazem ou pretendem fazer, bem como a respeito de suas explicações ou razões para o fenômeno abordado (SELLTIZ, 1967).

Tendo presente essas observações, o texto trará algumas informações sobre a pesquisa e seguirá um roteiro capaz de sistematizar o levantamento a partir da seguinte ordem: conceito de violência expresso pelos entrevistados e seu confronto com o uso do termo em sede acadêmica; a violência na cidade de Vitória da Conquista, tipologia e suas causas; juventude e violência; a relação da pessoa com a violência, enquanto sujeito e vítima; discussão de ações em favor da segurança pública através de medidas voltadas à redução da violência e construção da cultura de paz.

Informações sobre a pesquisa

A pesquisa “a percepção de populares sobre a violência urbana em Vitória da Conquista” foi realizada pelo NUVIP-UESB, entre os meses de maio a julho de 2008. O



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

instrumento utilizado foi um questionário com 18 perguntas fechadas, algumas delas com possibilidade de resposta diferente das alternativas oferecidas, tendo como aplicadores estudantes do primeiro semestre do Curso de Geografia 2007.2 da UESB. Realizou-se um pré-teste do instrumento em que foi modificada a forma de algumas perguntas, bem como se cuidou de dar o devido treinamento aos aplicadores para a aplicação do questionário. Para a escolha dos entrevistados, seguiu-se o critério de amostragem por cotas e por conglomerados, obedecendo aos princípios estatísticos previstos para esse tipo de levantamento, de forma que se pudesse contemplar geograficamente a cidade em seu conjunto. Em função disso, foram coletadas amostras entre os principais bairros em densidade demográfica de Vitória da Conquista, permitindo uma visão global da mesma.

Foram entrevistadas 260 pessoas, das quais 121 do sexo feminino e 139 do sexo masculino, destas a maioria eram formadas por jovens entre 15 a 29 anos (63,8% dos entrevistados) e o restante compreendia uma faixa etária entre 30-55 (33,5%) e 56-70 (2,7%) anos de idade. No quesito escolaridade, 32,3% dos entrevistados estavam iniciando a faculdade ou tinham formação superior incompleta; 36,5 com o ensino médio completo; 10,8% tinham o ensino médio incompleto; 8,8% o ensino superior completo e 1,6% apenas o ensino fundamental. Esse alto grau de escolaridade, em termos conquistenses, retrata o fato de ser a maioria pesquisada composta de jovens. O perfil religioso apresenta 63,5% de católicos, 21,5% de evangélicos, 4,6% de espíritas, 2,7% de ateus, 2,3% sem religião e 5,4% não declararam sua opção ou filiação religiosa. No quesito renda familiar, o perfil sócio-econômico dos entrevistados apresenta um quadro em que 62% têm rendimentos entre um a três salários mínimos; 20% entre três a cinco salários; 12% entre cinco a dez salários, 3% com renda entre dez a quinze e 3% com rendimentos superiores a quinze salários.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A compreensão dos entrevistados do termo violência e o confronto com o uso desse termo em sede acadêmica

A primeira pergunta do questionário visava sondar em que sentido a palavra violência é empregada no dia-a-dia por pessoas comuns. Como o significado de uma palavra, na maioria dos casos, decorre do contexto e do modo de seu uso na linguagem (WITTGENSTEIN, 1994), a intenção era compreender a gama de significação que o termo violência abarca na linguagem cotidiana e quais critérios semânticos são utilizados no senso comum para classificar uma ação sob aquela categoria conceitual. Entender, portanto, esse emprego torna-se fundamental para clarificar como a violência é percebida e tipificada pelos populares e, por que uma ação é classificada como violenta e outra não, bem como permite avaliar o grau de tolerância que se adota em relação a sua manifestação.

Perguntados sobre o que entende por violência, a maioria dos entrevistados (64,8%) associaram o uso da palavra à *agressão contra a pessoa*. Para 53,8% essa é uma agressão de natureza física que resulte ou venha resultar em dano, ferimento ou morte e para 11% a agressão engloba intimidação e danos psicológicos; 32,5% dos entrevistados relacionam o conceito à agressão, mas não contra a pessoa e, sim, contra uma entidade física ou abstrata: como o patrimônio (16%); a natureza e os direitos fundamentais (16,5%). Apenas 2,7% deram outros conceitos que fogem às categorias mencionadas.

A associação da palavra violência a uma agressão física contra a pessoa ajuda a entender por que o tipo de violência na cidade, mais perceptível para os entrevistados, reentre nessa categoria, embora o índice de violência contra o patrimônio seja maior do que aquela contra a pessoa. Para a maioria deles (50,5%), o



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

tipo mais freqüente de violência na cidade é de natureza física contra a pessoa. Entretanto, entre os 56% dos entrevistados que foram vítimas da violência quando tiveram de especificar o tipo de violência sofrida, 65% deles indicaram a agressão contra o patrimônio e somente 15% disseram que foi de natureza física. Isso ajuda a perceber como a palavra violência no uso cotidiano, em seu sentido primário, está relacionada à agressão física e, somente, em sentido secundário relaciona-se a outros tipos.

Embora o uso da palavra violência esteja associado, no imaginário popular, a uma agressão física contra a pessoa, não obstante a maioria tenha sofrido uma ameaça ou tenha sido lesado em suas posses, convém pontuar que esse tipo de agressão ultrapassa a dimensão meramente patrimonial. O ataque contra a posse de alguém, seguido de força física ou não, comporta, ainda que indiretamente, uma ofensa a ele mesmo em sua ipseidade. A posse é uma espécie de extensão do eu, daí que a agressão ao patrimônio, em última instância, agride o seu possuidor. É comum, para quem foi vítima de algum tipo de extorsão, sentir-se profundamente atingido no próprio eu ao ter um bem subtraído à força ou furtivamente ou ter um patrimônio danificado através de arrombamento ou vandalismo quer seja em sua presença ou não. Daí que a palavra violência, usada para se referir a uma agressão contra a pessoa, abarca uma vasta gama de significação englobando a que se dirige contra o patrimônio.

Esse uso da palavra violência para referir, em sentido primário, à agressão contra a pessoa não ocorre apenas no cotidiano, mas também em sede acadêmica. Yves Michaud (1989), por exemplo, define-a como uma ação direta ou indireta que cause danos a uma ou a várias pessoas quer seja em sua integridade física ou em sua integridade moral, em suas posses e em suas representações simbólicas. Tanto a definição de Michaud como a da OMS, que segue logo abaixo, mantém o termo



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

violência em sentido primário e amplia o seu significado a ponto de incluir sob aquele conceito uma vasta gama de ações e situações.

A Organização Mundial da Saúde compreende violência como

Uso intencional da força física ou do poder, real ou potencial, contra si próprio, contra outras pessoas ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG, 2002).

A definição da OMS amplia o significado da palavra violência a ponto de abarcar várias situações, mas acrescenta um novo elemento: a intencionalidade, que permite diferenciar uma mesma ação e classificá-la como violenta ou não. Nesse caso, a *intencionalidade* é o elemento fundamental que restringe o uso do termo violência. A uma ação que provoca ou tem possibilidade de causar dano, se faltar a intencionalidade, a rigor não poderá ser considerada violenta. Esse novo elemento é muito importante, pois impede generalizar o termo violência para qualquer tipo de ação que resulte ou possa causar dano. Outrossim, oferece um critério ético no juízo de determinadas ações. Sem a intencionalidade, a ação que causa destruição ou tem possibilidade para tanto pode ser considerada como um acidente, uma fatalidade, mas não pode, em sentido próprio, ser classificada de violência. Externamente o ato tem as mesmas características de uma ação violenta, podendo até ser classificado como tal, mas o seu autor não recebe o mesmo tratamento. Têm-se, então, as condições da ação voluntária e involuntária, analisadas por Aristóteles no Livro V da *Ética a Nicômaco*, e a situação em que uma pessoa comete um ato injusto, mas ela mesma não pode ser considerada injusta, ou ainda, de quem comete um ato violento e mesmo assim não pode ser rotulado de violento.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Outra consideração que ajuda elucidar essa abordagem conceitual é a distinção entre *violência* e *força*. Etimologicamente a palavra *violência* deriva da raiz latina *vis*, de onde provém também a palavra latina *virtude*, em que ambas conservam o significado de *força*. Apesar desse parentesco, *violência* é diferente de *força* ou como precisam Pinheiro e Almeida (2003, p. 13): “a *violência* é exagerada, arrebatadora. A *força* é comedida”. Seu uso é prudente, ao passo que a *violência* é *força* cega que não mede conseqüências. Essa mesma distinção já fizera Hannah Arendt (1979), denunciando que tal confusão reduz o espaço público da ação política a simples questão de dominação. A distinção entre *violência* e *força* não só esclarece semanticamente o uso daquele termo como também permite recuperar o âmbito do espaço público da ação política, do consenso racional, como alternativa à *violência*.

Vitória da Conquista e violência urbana

Nove questões versaram sobre a *violência* na cidade, sua tipologia, suas causas, vítimas, autores e medidas destinadas ao seu combate e redução. Para 66% dos entrevistados a cidade de Vitória da Conquista é violenta; 24% consideram que sua *violência* está na média dos grandes centros urbanos; 56% disseram ter sofrido algum tipo de *violência*, destes 65% foram vítimas de agressão contra o patrimônio e 32% contra a pessoa. Nesse último tipo de agressão, para 15% foi de natureza física, para 12,5% de caráter psicológico e para 4,2% foi uma agressão em suas representações simbólicas. Ao responder sobre quais os lugares mais seguros na cidade, 45% acreditam que seja o centro, 29% consideram que são os bairros de classe média, 17% acham que nenhum lugar é seguro e apenas 9% afirmam ser os bairros populares.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A maioria tem a percepção de que Conquista é violenta, a ponto de 17% terem a sensação de que nenhum lugar da cidade é seguro. Essa percepção não é sem fundamento, os dados oficiais a confirmam.

No Primeiro Mapa da Violência (WAISELFISZ, 2007), publicado em 2007, com dados de 2002 a 2004, Conquista aparece entre os 10% de municípios brasileiros (556) com maiores índices de homicídios na população total e entre os 21 municípios baianos que figuram nessa condição. De 2002 a 2004, a taxa média de homicídio no município foi de 36,3%. Isso faz de Conquista o 366º município mais violento do Brasil e o sétimo mais violento da Bahia, percentual quase equivalente ao do Distrito Federal (36,8%).

No Segundo Mapa da Violência/2008 com dados de 2002 até 2006, Conquista ocupa a 10ª posição entre os 25 municípios baianos que fazem parte dos 10% de municípios brasileiros com maiores taxas de homicídio no universo estadual. Embora, nessa categoria, tenha caído de posição no ranking nacional e estadual em relação ao Mapa/2007, a situação não melhorou, pois a taxa média no período de 2002 a 2006 divulgado pelo Mapa/2008 foi maior do que a anterior, atingindo um índice de 37,4% de homicídios por cada grupo de 100 mil habitantes (WAISELFISZ, 2008). O que coloca o município na 320ª posição no ranking nacional à frente de Salvador (342ª posição), cuja taxa média foi de 36,2%. Quando se acompanha o número de homicídios entre 2002 (72 homicídios), 2003 (111 homic.), 2004 (115 homic.), 2005 (112 homic.) e 2006 (102 homic.), observa-se que entre 2005 e 2006 houve uma tendência de queda em relação aos anos anteriores, cuja curva era crescente. Entretanto quando esses números são contextualizados entre os 200 municípios brasileiros com maior número de homicídios na população total em 2006, essa conclusão se desfaz. Nessa categoria, Conquista ocupa a 82ª posição no Brasil e a oitava na Bahia com uma taxa de homicídio de 33,9%, bem a frente de cidades com



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

número de habitantes e características semelhantes às suas como Montes Claros (MG), cuja taxa foi de 19,8%, ocupando a 109ª posição nacional.

Em relação à sensação dos entrevistados quanto aos locais considerados mais seguros na cidade. A maioria (45%) tem a sensação de que é o centro. Isso pode ser reflexo do centro dispor de câmaras de monitoramento, presença visível da força pública, vida urbana e movimentação intensa de pessoas... Conjunto de condições que concorrem para criar subjetivamente a sensação de segurança, embora objetivamente a situação pudesse ser inversa. Pois, o centro tem características (comércio, bancos, trânsito, aglomeração de pessoas...) que expõem mais as pessoas à violência. Lá, é maior a possibilidade de ser vitimado em decorrência de um roubo, de um assalto, de um furto, de um acidente de trânsito, de um conflito por motivo fútil... Isso mostra claramente a relação e diferença entre segurança e a sensação da segurança. Alguém pode sentir-se seguro onde o risco de ser vitimizado é mais provável e sentir medo mesmo quando seja pequeno tal risco. Isso aponta para o fato de que as medidas de segurança bem sucedidas são aquelas que não apenas objetivamente contribuem para diminuir riscos reais, mas também capazes de levar as pessoas a administrar riscos imaginários como o medo, sentindo-se segura (CNBB, 2008).

Em relação aos locais considerados mais seguros na cidade, convém observar que apenas 8% consideram os bairros populares seguros, enquanto 29% julgam que o são os bairros de classe média. Essa não é apenas uma sensação subjetiva, dados objetivos a respaldam. O NUVIP obteve junto à Polícia Militar alguns dados em relação ao número de homicídios ocorridos em Vitória Conquista entre 2005 a 2006. Na tabulação, esses homicídios foram distribuídos geograficamente e sua ocorrência classificada bairro a bairro. Em 2005 ocorreram 71 homicídios, destes a maior concentração deu-se nos bairros populares e periféricos. Somente na região formada pelos bairros Kadija (4 homic.), Conveima (9 homic.), Conveima I (1 homic.) e



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Patagônia (7 homic.) ocorreram 21 homicídios, respondendo por 29,6% sobre o total de homicídios de 2005. Nesse ano, entre os bairros de classe média, aparecem o Recreio com um homicídio e o Centro com dois, numa lista onde figuram 21 bairros populares. Em 2006, segundo dados oferecidos pela Polícia Militar, ocorreram 85 homicídios. Destes, 16 concentraram-se na Patagônia, 4 no Kadija e 4 em Pedrinhas, respondendo no conjunto por 28% dos homicídios. Nesse mesmo ano, no Centro, Candeias e Recreio ocorreram 9 homicídios equivalentes a 7,65% sobre o total. No cômputo geral de 2006, a maior incidência deu-se nos bairros populares com 64 homicídios representando 75,3% das ocorrências no município. Esses dados confirmam que os bairros populares estão mais expostos à violência do que os de classe média e, portanto, tal como a percepção dos entrevistados, não são os locais mais seguros da cidade.

A alta taxa de homicídios gera a sensação, na maioria (50,5% dos entrevistados), de que o tipo de violência mais freqüente na cidade é o de agressão física contra a pessoa, em contraste com 46% que retêm ser aquele que se dirige contra o patrimônio. Realmente, a violência de agressão ao patrimônio é maior do que a que se dirige contra a pessoa. Isso se confirma pelas respostas dos próprios entrevistados. Entre eles, os que foram vítimas de algum tipo de violência, a maioria (65%) foi agredida em seu patrimônio e apenas 15% sofreram uma violência física contra sua pessoa. Entretanto a taxa elevada de homicídios, a natureza e repercussão que alguns deles assumem tornam-nos mais visíveis, perceptíveis e criam a sensação de que o crime contra a pessoa seja mais freqüente e preocupante. É certo, porém, que a violência em Conquista não é de natureza religiosa nem ideológica ou motivada por intolerância em relação a valores e comportamentos. Aliás, não houve nenhuma resposta para a alternativa que associava a violência na cidade a conflitos gerados



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

através da força de símbolos. Quer dizer, então, que esse tipo de violência é inexistente e, se existe, é irrelevante ou não percebida como tal.

Poderia aparecer injustificado esse enfoque sobre os homicídios como indicador de violência geral. Afinal de contas, poder-se-ia retrucar que a violência urbana em Vitória não se reduz a homicídios. Entretanto, poderia ser evocada a mesma justificativa oferecida por Weiselfisz (2008, p. 10): a utilização dos óbitos em decorrência do homicídio “revelam, *per se*, a violência levada a seu grau extremo” e continua esse cientista social:

Da mesma forma que a virulência de uma epidemia é indicada, freqüentemente, pela quantidade de mortes que ela originou, também a intensidade nos diversos tipos de violência guarda uma estreita relação com o número de mortes que origina. (WEISELFISZ, 2008, p. 10).

Condições que concorrem na reprodução da violência na cidade

Dois tipos de perguntas foram aplicados visando colher a opinião dos entrevistados sobre as condições que contribuem para gerar a violência e a que situações, em Vitória da Conquista, ela está ligada. Para esse rol de perguntas era permitida a indicação de mais de uma alternativa. Diante da pergunta sobre a que situações a violência na cidade está ligada, 38,3% das respostas associaram-na ao seu rápido crescimento e à falta de estrutura urbana para atender as demandas de lazer, moradia, saneamento; 29,8% relacionaram ao tráfico de drogas e acerto de contas entre gangues; 27,6% ligaram à falência das instituições públicas, tradicionais e associativas.

Para a outra pergunta semelhante a essa, cuja intenção era perceber o grau de potencialidade que cada uma dessas condições exerce para a eclosão da violência,



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

as respostas seguiram na mesma direção de associar um conjunto de situações que concorrem para tanto. Assim 22,4% apontaram a desigualdade social, 15,2% o desemprego, 13,6% a falência das instituições, 9,8% a dependência química e tráfico de drogas, 9,4% a falta de segurança e policiamento, 8,8% falta de escolaridade, 7,7% a desestruturação familiar, 6,5% incompetência das autoridades, 4,43% a índole e personalidade das pessoas e 2,17% o sonho de consumo.

Os primeiros três itens, apontados como fatores que fazem eclodir a violência na cidade, situam-se na esfera da estrutura sócio-econômica: desigualdades sociais, desemprego e falência das instituições. Isso mostra senso crítico na compreensão do fenômeno, cujos fatores que o reproduzem não são apontadas isoladamente, mas associados a vários outros que, em conjunto e em contextos determinados, desencadeiam a violência urbana. Há também lucidez de que a injustiça social, que se manifesta através da concentração de renda, do não atendimento às necessidades básicas e do processo de exclusão, é uma fonte de acirramento do problema. Isso não quer dizer que as desigualdades econômicas e sociais sejam a única causa da violência.

É revelador a percepção da maioria que associa a violência em Vitória da Conquista ao seu rápido crescimento. Essa percepção não é apenas senso comum. Waiselfisz (2008) chama a atenção para uma tendência que apareceu desde a elaboração do *Mapa da Violência IV...* de 2004. Segundo ele, até 1999 os pólos dinâmicos da violência localizavam-se nas grandes capitais e metrópoles, entretanto a partir dessa data ocorreu o deslocamento dessa dinâmica para o interior dos estados. De acordo com a sua leitura, isso decorreu do processo de descentralização do desenvolvimento econômico do país, com os novos pólos de crescimento no interior dos estados. Esta nova dinâmica territorial de crescimento, ao mesmo tempo em que



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

atrai novas populações para esses centros, estaria impactando na distribuição geográfica da violência no país.

Ora, Conquista não foge a essa lógica. Segundo dados de uma pesquisa divulgados em 29/julho/2008 pelo IPEA, as cidades com população entre 100 mil e 500 mil habitantes tiveram, entre 2000 a 2007, crescimento populacional e do Produto Interno Bruto superior ao das demais cidades do país. Entre as cidades que tiveram os maiores aumentos do PIB, encontra-se Vitória na Conquista (BA) com 6,25%. Nessa ordem, ela ocupa a terceira posição entre os centros médios que desempenham papel fundamental como centro regional na rede urbana do Brasil, atraindo para si grande parte da população das cidades que gravitam em torno de sua economia. O que explica seu rápido crescimento populacional nos últimos anos. A ponto de algumas previsões apostarem que se a cidade continuar com o atual ritmo de crescimento e desenvolvimento, em 10 anos, a sua população poderá se duplicar, trazendo consigo os problemas inerentes ao crescimento urbano rápido e acelerado.

Esse crescimento questiona não apenas a administração municipal, no sentido de dotar a cidade da infra-estrutura urbana necessária para suportar em tão pouco tempo tamanho impacto, mas também os organismos responsáveis pela segurança pública e a sociedade civil como todo no sentido de pensar iniciativas que visem a humanização da cidade e a integração em seu seio dos novos contingentes humanos. Em um simpósio sobre segurança pública com lideranças populares, houve intervenções muitas lúcidas ao verbalizar a violência localizada em certas regiões da periferia da cidade. Entre as várias intervenções, uma delas apontou, como componente desencadeador do processo de violência, o êxodo de populações de suas comunidades de origem para a capital do sudoeste. Desenraizadas, sem a devida qualificação para as atividades urbanas, sem estruturas sociais capazes de apoiá-las no processo de adaptação na cidade, essas populações se concentram em periferias,



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

onde é comum a ausência do estado e onde os mais jovens ficam expostos ao crime e ao aliciamento do tráfico com alternativa de renda altamente sedutora. Aqui se delineia o quadro da exclusão, dos que não são absorvidos pela economia capitalista e ao que Bauman, em *Vidas Desperdiçadas*, caracteriza de “resíduos humanos”, de populações supérfluas de migrantes, refugiados e outros *párias* produzidos pela modernização capitalista.

Igualmente importante é a resposta que associa a violência ao tráfico. O NUVIP não reuniu dados suficientes para validar ou não essa percepção. Entretanto, discussões com lideranças populares e relatos de pessoas comuns das comunidades mais expostas à violência trazem informações precisas que apontam ser esse um dos ingredientes que mais potencializam a eclosão da violência nessas paragens. A maioria dos furtos, arrombamentos, assaltos e assassinatos, segundo relatos auriculares, têm como movente o tráfico e as condições que o alimentam. Diante disso, as políticas de segurança pública estarão fadadas ao insucesso se não pensar estratégias, ações criativas e articuladas no enfrentamento desse problema.

A associação da violência à falência das instituições públicas, tradicionais e associativas pode ser também uma indicação da mudança de valores e paradigmas por que passam as sociedades urbanas na atualidade. O modelo social centrado no econômico e financeiro eleva o dinheiro à condição de valor supremo, contribuindo na dissolução das redes de solidariedade e do papel da comunidade na definição do indivíduo e na resolução dos conflitos. Tem-se, então, a síndrome da *Era do Vazio*, denunciada por Lipovetsky, cuja marca se reflete no individualismo narcisista, no sujeito des-substancializado, sem conteúdo e sem grandes ideais, reduzido a mero consumidor submetido a um processo de escolha permanente diante de uma quase infinita possibilidade de consumo. O que gera o esvaziamento do espaço público, da política, dos subsistemas da vida e das soluções coletivas em favor das forças



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

irracionais do indivíduo e da predominância do econômico. Enfoques que ajudam a perceber a mudança de fisionomia da violência contemporânea, enquanto produto de sociedades fragmentadas que atomizam a pessoa humana, minam as relações sociais e o agir coletivo aumentando o sentimento de impotência e insegurança.

Juventude e Violência

Indagados sobre quais segmentos sociais são mais vitimizados pela violência na cidade, 32% dos entrevistados indicaram os jovens, 21% a população de baixa renda, 9,3% as mulheres, 8% as crianças, 7,3% respectivamente para as pessoas de classe média e os negros; 3,8% os desempregados, 2,6% os idosos e 8,7% mesclaram diversos segmentos sociais.

À pergunta sobre quem mais tende à violência, 49% indicaram os jovens, 23% a população de baixa renda, 3,7% pessoas desempregadas e 2,4% apontaram outros agentes.

Nos dois quesitos, os jovens encabeçam a lista como vítimas e como agentes. Isso mostra que a população juvenil, especialmente, pobre e negra, é a mais exposta à violência. Essa percepção é corroborada pelo *Mapa da Violência* de 2008. Nele, Conquista aparece entre os 200 municípios com maiores taxas de homicídios juvenis no Brasil em 2006, ocupando a 81ª posição no ranking nacional e a 9ª posição entre os 14 municípios do Estado da Bahia que figuram nesse rol.

Em 2006, ocorreram 40 homicídios juvenis na cidade, que representa uma taxa de 39,2% sobre o total de homicídios (102) cometidos naquele ano. Isso faz que Conquista apresente uma taxa de 59,5% entre as cidades brasileiras, posicionando-a a frente de Caxias do Sul (RG), na 91ª posição no ranking nacional (45,4%), cuja população juvenil é maior do que a de Conquista.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Entre 2004 a 2006, a média anual de homicídios juvenis na cidade foi de 44 mortes, ou seja, 40,4% dos homicídios ocorridos naquele triênio incidiram sobre os jovens. Embora o NUVIP não tenha dados oficiais sobre os homicídios juvenis entre 2007 a 2009, a situação não mudou. Pelo contrário, o maior número de mortes homicidas juvenis tem acontecido em bairros populares. A situação é tal que agentes de pastoral e lideranças populares, em sucessivos encontros, têm manifestado perplexidade diante das vidas jovens ceifadas pela violência homicida. Menores e jovens têm sido sistematicamente eliminados em nossa cidade. Algumas pessoas envolvidas no movimento social levantam a suspeita de que existam, na cidade, grupos de extermínio de jovens e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Essa questão foi levantada em uma audiência pública promovida pela Câmara de Vereadores, no contexto da Campanha da Fraternidade/2009 sobre Segurança Pública. No entanto, o representante da polícia militar ressaltou que não há grupos de extermínio de jovens na cidade, com presença de policiais ou não, e atribuiu o fato a acertos de contas entre os agentes do tráfico e a outros moventes inerentes à violência urbana.

Relação da própria pessoa com a violência

Ao serem perguntados se já cometeram algum ato violento, 25,7% dos entrevistados disseram que sim; desse total, 92,5% indicaram a agressão física à pessoa: contra um desconhecido (45,2%), contra alguém da própria família (29,7%) e contra uma pessoa conhecida (18,5%); o restante não especificou a vítima. Na maioria das vezes, a violência cometida originou de uma discussão (45%), para defender-se (34,8%) ou para defender outra pessoa (16,8%); o restante não especificou a causa. Indagados se houve represália em relação ao ato violento



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

cometido, a metade disse que sim e a outra não. A represália ou reação ao ato violento proveio da própria vítima (72%), de terceiros (15%) e do Estado: polícia, judiciário... (13%).

Com base nos dados acima, a violência cometida contra os próprios familiares ou alguém conhecido supera aquela cometida contra o desconhecido. Isso leva a concluir que, muitas vezes, a violência que gera a insegurança começa na própria casa. Esse tipo de violência atinge principalmente crianças e mulheres. Os dados oficiais não conseguem medi-lo com precisão, pois é de tipo silencioso e a família, muitas vezes, abafa para não expor seu próprio núcleo.

Na maioria dos casos (45%), a violência cometida originou-se de uma discussão. Isso indica, segundo Pinheiro e Almeida (2003), que os vilões da história da violência urbana nem sempre são os criminosos profissionais, mas sim o cidadão comum que comete crimes por motivos fúteis e torpes.

Observa-se que a violência cometida não ficou sem represália. Na maior parte dos casos, foi a própria vítima quem se defendeu ou reagiu à violência sofrida. Somente numa proporção bem inferior, é que houve represália por parte de terceiros ou do Estado. Tem-se, então, um quadro muito propício à reprodução da violência em que a vítima, por sua vez, reage na mesma proporção.

CONCLUSÕES

Questionados sobre as medidas que mais ajudariam combater a violência urbana, 32,2% apontaram a capacitação profissional como forma de geração de emprego e renda; 27,1% indicaram o policiamento e postos policiais nos bairros; 15,2% assinalaram a educação e construção de escolas; 6% apontaram a construção



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

de centros esportivos e espaços públicos de lazer; 5,8% designaram a urbanização; 11,5% afirmaram a integração de todas essas medidas e 2,2% outros.

É revelador que o senso comum não apontasse em primeiro plano medidas de repressão como forma de combate à violência urbana, mas sim medidas sociais de prevenção com foco na inclusão através da qualificação profissional capazes de gerar emprego e renda. É também significativo que, em terceiro lugar, uma parte tenha assinalado para as políticas educativas, com foco na educação formal e, em quarto, um número não insignificante tenha apontado para a integração de todas as medidas destinadas ao combate da violência. Se no senso comum, esse tipo de compreensão começa a se desenhar, ainda mais conseqüente têm sido as medidas discutidas em ambiente acadêmico entre os que se dedicam ao estudo da violência urbana e no âmbito das políticas públicas empreendidas pelo Estado. O *Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania* (PRONASCI), desenvolvido pelo Ministério da Justiça, articula políticas de segurança com ações sociais, priorizando a prevenção e tenta atuar sobre as causas que reproduzem a violência, “sem abrir mão das estratégias de ordenamento social e repressão qualificadas” (WEISELFISZ, 2008, p. 5). A elaboração dos Mapas da Violência desde 1998 vem produzindo uma série de estudos com oferta de dados que permitem conhecer a configuração da violência no país, funcionando como instrumentos para a formulação de políticas de segurança pública. No âmbito da sociedade civil, foi relevante a mais recente Campanha da Fraternidade/2009 da Igreja Católica. Tendo por tema a Segurança Pública, foram propostas iniciativas no plano da educação, de busca de um novo modelo penal, de solidariedade com as vítimas da violência, na área da formação e prevenção, envolvendo a articulação das redes sociais, populares e poderes públicos, em direção a uma cultura de paz.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

No geral, as medidas propostas são pensadas de forma integrada em que se articulam ações no âmbito da educação, da saúde, da geração do trabalho e renda, do esporte, da cultura, da urbanização e ordenamento do espaço urbano, da segurança pública... Nessa rede de articulação, é pensada a execução de medidas voltadas ao combate da violência, em que são envolvidos diversos parceiros: o município, as comunidades, os poderes públicos, as estruturas e organizações da sociedade.

Não há uma fórmula mágica para a eliminação da violência. Entretanto, é possível combater a configuração que a mesma assume na realidade brasileira, através de políticas públicas de segurança e bem-estar social, integradas a outras iniciativas, capazes de mobilizar amplo arco das redes sociais.

Enfim, em lugar de centrar-se exclusivamente na violência, foca-se na cultura da paz. Pois, como afirma o *Manual da Campanha da Fraternidade/2009*: “a paz e segurança, mais do que discursos ou conjunto de propostas, deve constituir-se em mentalidade que determine o modo de pensar e de agir de todas as pessoas: deve ser expressão de uma cultura” (CNBB, 2008, n. 242).

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Abril Nova Cultural, 1987.
- ARENDT, Hannah. **A Condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- _____. **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. **Pensamento, persuasão e poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. **Entre o Passado e o Futuro, Oito Exercícios sobre o pensamento Político** (1961). 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida, Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- _____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2001.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Campanha da Fraternidade 2009: Manual**. Brasília: Edições CNBB, 2008.

KRUG, E.G. **Relatório Mundial sobre Violência e Saúde**. Brasília: OMS/Opas/UNDP/Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 2002.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Barueri /SP: Manole, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos**. Barueri /SP: Manole, 2005.

MICHAUD, Y. **A Violência**. São Paulo: Ática, 1989.

NUVIP/UESB – Núcleo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa sobre Violência e Poder na Contemporaneidade. **Pesquisa – Percepção de populares sobre a violência urbana em Vitória da Conquista**. Vitória da Conquista [s.d], 2008.

PINHEIRO, Paulo Sérgio; ALMEIDA, Guilherme Assis de. **Violência Urbana**. São Paulo: Pubifolha, 2003.

SELLTIZ, Claire ET AL. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder, 1967.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros: 2008**. Brasília: RITLA, Instituto Sangari, Ministério da Saúde, Ministério da Justiça, 2008.

_____. **Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros**. Brasília: Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura - OEI, 2007.

_____. **Mapa da Violência IV: os jovens do Brasil**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, SEDH, 2004.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Petrópolis: Vozes, 1994. (Textos selecionados).